

3º Encontro de promotores – *Avaliar o passado, pensar o futuro*

FIL, 16-17 de Dezembro de 1999

Desenvolvimento social

- **Presidente:** Luís Capucha, DG do Departamento de Prospectiva e Planeamento
- **Orador:** José Salcedo, Empresa Nacional de Telecomunicações
- **Comentadores:** Edmundo Martinho, IDS e Hermano Carmo, Universidade Aberta

Comentário de Hermano Carmo

Antes de mais gostaria de felicitar o orador pela sabedoria da sua intervenção aliada a uma frescura de exposição, infelizmente invulgar em gente que se ocupa destas questões da mudança, muitas vezes imersa na frieza dos números e das técnicas. Bem haja por isso.

A sua exposição despertou-me algumas reflexões que passarei a expor telegraficamente:

1. A descrição que fez do *estranho mundo* onde viveu, imerso em tecnologia avançada, fez-me recordar que o **desenvolvimento** de que todos falamos e que se transformou numa palavra-moda, deve ser entendido como um processo complexo, **uma direcção que se toma** e não um ponto que se alcança.
2. Uma das vertentes interessantes dessa complexidade é a de que **o processo de desenvolvimento não é linear**: a observação do modo como as sociedades mudam mostra-nos claramente que era errada aquela concepção ferroviária da História que julgava que os povos para alcançarem o estatuto de desenvolvidos tinham de passar todos pelas mesmas fases. Pelo contrário, o que a experiência nos ensina é que o processo de desenvolvimento (etimologicamente desenredamento) é multivariado, multi-ritmado (heterocrónico) podendo dizer-se que cada povo, cada grupo e cada pessoa apresenta um modo singular de aceder aos recursos materiais e imateriais, que precisa para subsistir e para valorizar a sua dimensão humana.
3. Uma outra característica associada ao desenvolvimento é que este se associa estreitamente a um processo de **autonomização** do indivíduo. A busca de uma autonomia crescente (etimologicamente *fazer as próprias normas*) tem implicações práticas evidentes na intervenção social: significa, por exemplo que o interventor social nunca se pode substituir ao sistema-cliente, devendo assumir-se apenas (e não é pouco) como recurso para o seu fortalecimento pessoal (*empowerment*), ainda que por vezes tenha de agir como seu representante (*advocacy*).
4. Como tudo na vida tem verso e reverso (conforme os budistas nos ensinam) uma autonomização mal entendida tem o efeito perverso de se transformar em **individualismo**. Para que tal não aconteça, é minha convicção que o processo de autonomização tem de ser conjugado com uma educação para a **solidariedade**.
5. A solidariedade deve ser entendida, hoje, não apenas como um valor individual, mas como um **valor político** sem o qual todos perdem. Se não for cultivada as famílias

desagregam-se, as organizações são ineficientes e ineficazes, as sociedades aumentam a instabilidade, o planeta inviabiliza-se.

6. Uma consequência do peso da solidariedade no processo de desenvolvimento é a necessidade dum **nova focagem nas pessoas**. A investigação que temos observado na última década sobre a **inteligência emocional** mostra isso mesmo: não é possível as sociedades e as pessoas alcançarem níveis de qualidade de vida superiores se não for tido em conta que os seres humanos têm de aprender a conhecer e a gerir melhor as suas emoções, a controlar as suas motivações, a identificar as emoções dos outros e a gerir melhor o relacionamento emocional que têm com eles. Isto porque as principais ferramentas do desenvolvimento ... somos nós.
7. Um outro eco que me despertou a intervenção do orador relaciona-se com a necessidade de transformar a **inovação** numa rotina de vida. Com efeito não pode haver desenvolvimento sem inovação. Mas esta não é tanto um somatório de *eureka*s geniais mas o produto de pequenos passos que se dão no dia-a-dia, explorando o inesperado com criatividade e com perseverança.
8. Finalmente gostaria de deixar aqui uma inquietação: às vezes lançamo-nos ao trabalho social com a generosidade ingénua de pensar que a mudança é um valor. E não é! Que o digam as vítimas do holocausto, consequência das mudanças introduzidas pelos nazis. Pode-se mudar para pior. Por isso, qualquer processo de desenvolvimento tem que ser referenciado a uma moldura axiológica em que o ser humano seja assumido, como diz Adriano Moreira, como um **fenómeno que não se repete**.

Obrigado pela vossa atenção.